



CURITIBA

A cidade reimaginada e o urbanismo pós-moderno

CURITIBA/CURITIBA

Historiografia, ideários e regimes de historicidade

REGO, Renato Leão

Professor titular; Universidade Estadual de Maringá

rlrego@uem.br

RESUMO

Este trabalho explora a mudança de paradigma notada nos projetos urbanos que transformaram Curitiba a partir de meados dos anos 1960. Planejamento ambiental, pensamento ecológico, preservação, revitalização, reciclagem, e questões como pertencimento e identidade cultural foram fundamentais para a construção da cidade então reimaginada – e posteriormente propagada internacionalmente como modelo urbanístico. Ao contextualizar projetos icônicos da capital paranaense, este trabalho sustenta que ideias pós-modernas em circulação global, junto com a revisão crítica da arquitetura e do urbanismo modernos, foram a base do urbanismo praticado naquela cidade. O trabalho contribui não apenas para a narrativa da história recente do urbanismo no Brasil, mas também para o entendimento de uma estratégia projetual que priorizou o contexto sociocultural e o entorno físico. Esta estratégia promoveu o desenho urbano amparado no vernacular, a partir de suas referências fundamentais, a saber o passado (historicismo) e o lugar (regionalismo), em detrimento da idealização da cidade funcional e da arquitetura de caráter universal.

PALAVRAS CHAVE Circulação de ideias; arquitetura moderna; difusão do urbanismo; planejamento ambiental; desenho urbano.

ABSTRACT

This paper explores the paradigm change noticed in the urban projects that have transformed Curitiba since mid-1960s. Environmental planning, ecological thinking, preservation, revitalization, recycle, and issues such as belonging and cultural identity, were fundamental to the construction of the reimagined city – later disseminated worldwide as an urban model. By contextualizing iconic projects of the Parana state capital city, this paper states that post-modern ideas in global circulation, along with the critical review of the modern architecture and urbanism, were the basis for the urbanism put into practice in that city. The paper contributes not only to the narrative of the recent history of urbanism in Brazil but also to the understanding of a design strategy that prioritized sociocultural context and physical environment. This strategy promoted urban design based on the vernacular, considering its fundamental references, namely the past (historicism) and the place (regionalism), rather than the idealization of the functional city and the universal character of architecture.

KEY-WORDS OU PALABRAS-CLAVE Circulation of ideas; modern architecture; town planning diffusion; environmental planning; urban design.

INTRODUÇÃO

Jaime Lerner, engenheiro, arquiteto, ex-presidente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) e ex-prefeito da capital paranaense, costumava tratar com ironia o *post-modern*. Contava que em muitas construções públicas de Curitiba “o material básico usado são os postes de madeira reciclados - que estavam sendo substituídos na iluminação pública por postes de concreto”. A decisão era de “reaproveitar esses postes e até comprar grandes lotes de outras cidades do Brasil”. Havia uma “disposição inicial de nossa parte, de ordem estética, para trabalhar com madeira. Depois, aliamos o interesse em reciclar os postes que estavam saindo de linha para evitar que virassem lenha na fogueira”. Assim, zombava Lerner, “o que acabou vingando mesmo, pelo menos em Curitiba, foi o ‘poste moderno’” (LERNER, 2011 p. 61).

Por trás desta ironia, entretanto, desponta uma proposição pós-moderna, inequivocamente anunciada pelo prefixo re-: reciclar, reaproveitar, reutilizar (ELLIN, 1996 p. 04). Mais que isso, as transformações pelas quais passou a cidade de Curitiba nos anos 1960 e 1970 – com Lerner ao comando de boa parte delas – decorrem do planejamento ambiental, ecologicamente sustentável, e do desenho urbano que se ampara no vernacular em suas duas referências fundamentais: o passado (historicismo) e o lugar ou sítio (regionalismo).

Há, entretanto, uma lacuna na historiografia da cidade e do urbanismo na medida em que são negligenciados os fundamentos pós-modernos dos projetos que reimaginaram Curitiba e contribuíram para que a capital paranaense se transformasse em “cidade-modelo” e “capital ecológica” (ver DUDEQUE, 2001; MACEDO, 2004; IRAZÁBAL, 2009; DUDEQUE, 2010; MACEDO, 2013; WARD, 2013).

As transformações de Curitiba acabaram obscurecidas pela ditadura e pela repercussão da construção de Brasília. Além disso, o primeiro Seminário de Desenho Urbano (SEDUR), realizado em 1984, apresentou uma agenda para a consolidação do desenho urbano no país, propondo uma mudança nas premissas da intervenção na forma das cidades (LEME et al, 2021). Em grande medida esta mudança já podia então ser notada em Curitiba, porém nas quatro edições do Seminário (1984, 1986, 1988 e 1991) não há menção sobre as transformações na capital paranaense (ver TURKIENICZ, 1984a; TURKIENICZ, 1984b; TURKIENICZ; MALTA, 1986; HOLANDA; KOHLSDORF, 1995).

Do mesmo modo, nos estudos apresentados nas dezesseis edições do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (SHCU) a Curitiba reimaginada a partir dos anos 1960 nunca foi tratada. A Curitiba flagrada nos estudos apresentados no SHCU ao longo de trinta anos (1990-2021) é a cidade setecentista ou da belle époque; é o sítio da presença negra; o foco de febre tifoide; é também o centro da dinâmica socioeconômica regional; é ainda a urbanidade observada através das representações literárias e das celebrações da arte moderna (ver OLIVEIRA, 1996; NICOLAZZI, 2000; PEREIRA, 2000; DUDEQUE, 2006; JAZAR; ULTRAMARI, 2021; KOENTOPP; JABUR, 2021; e PESSATTI e MAZIVIERO, 2021).

Nos anos 1980, a arquitetura produzida em Curitiba nas décadas anteriores foi tratada como “dialeto” e “matéria segunda” da arquitetura paulista (SEGAWA, 1986 p. 32; ZEIN, 1986 p. 29), por conta formação paulistana de alguns dos seus projetistas que acabaram migrando para o Paraná.¹ Mas esta explicação simplificadora já está sendo revista e reformulada (ver REGO e JANUÁRIO, 2022). Entretanto, o urbanismo pós-moderno que pronto se implantou em Curitiba está por ser contextualizado e discutido. Este é o objetivo deste trabalho.

Este trabalho se fundamenta na circulação das ideias e na noção de “zonas de contato arquitetônicas” (AVERMEATE; NUIJSINK, 2021), ciente das “histórias conectadas” (SUBRAHMANYAM, 1997) dos vários profissionais atuando em trabalho colaborativo e conjuntamente no IPPUC, no jovem curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Paraná e na formação de equipes variadas para a participação em concursos nacionais e internacionais (SANTOS; ZEIN, 2009). A partir deste fundamento, e diante de ‘cartões postais’ da “cidade-modelo”, serão analisadas propostas paradigmáticas de desenho urbano e do planejamento ambiental em Curitiba, contextualizando-as.

Este trabalho contribui, portanto, para a narrativa da história recente do urbanismo no Brasil e para o entendimento, com sentido prospectivo, de uma estratégia projetual que priorizou o contexto social e o entorno físico reais, em detrimento da idealização da cidade funcional e da arquitetura de caráter universal.

ZONAS DE CONTATO ARQUITETÔNICAS, HISTÓRIAS CONECTADAS, E O ‘BRASIL GRANDE’

Até os anos 1960 Curitiba era uma cidade provinciana, um centro industrial incipiente. A arquitetura moderna apareceu na capital paranaense em meados do século XX de modo acanhado, se comparado com as construções de Artigas e Cascaldi no rico norte do estado no final dos anos 40. O café era o principal produto da região norte-paranaense, que passou a ser o centro da produção nacional na metade do século XX. Em 1955, a saca de café atingiu o valor mais alto até então registrado, com repercussões econômico-sociais de impacto (CANCIAN, 1981). A prosperidade econômica impulsionou o rápido desenvolvimento regional e contribuiu para o crescimento demográfico acelerado naquela região (REGO, 2012; REGO, 2019). Mas a cafeicultura e o comércio internacional do café acabaram favorecendo também as finanças do estado do Paraná, que em 1953 comemorou o centenário da emancipação da província de São Paulo e uma década antes havia celebrado os 250 anos de sua cidade capital. As comemorações destas datas incluíram uma série de investimentos na capital do estado, que almejava tornar-se uma capital moderna. Desse modo, recursos financeiros e um ambiente favorável impulsionaram transformações em Curitiba.

A capital do Paraná tem uma história de décadas de planejamento urbano até alcançar o status de cidade-modelo (IRAZÁBAL, 2009 p. 203). A cidade investiu em planos urbanísticos que passaram a fomentar o desenvolvimento e orientar as intervenções na

¹ Luiz Forte Netto e José Maria Gandolfi graduaram-se pelo Mackenzie em 1958; Joel Ramalho Júnior e Roberto Luiz Gandolfi graduaram-se pela mesma instituição, respectivamente em 1959 e 1961.

forma urbana. Foi assim com o plano desenvolvido por Alfred Agache em 1943 – nas comemorações dos 250 anos de fundação da cidade – e depois, em 1965, com o Plano Preliminar de Urbanismo, elaborado pelo arquiteto Jorge Wilhelm com uma equipe local. Anos depois, em 1972, Wilhelm organizou em Curitiba um encontro da União Internacional de Arquitetos, que aproximou o IPPUC de colegas oriundos de vários países. O Plano Preliminar de Urbanismo tratava da transformação do perfil econômico do município e do desenvolvimento de uma área industrial. O Plano propôs a criação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano da cidade (IPPUC), no encalço da abertura do primeiro curso de arquitetura e urbanismo do estado, na Universidade Federal do Paraná em Curitiba, em 1962. A abertura deste curso atraiu para Curitiba profissionais formados em São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro.² É importante notar, para a contextualização que aqui se descortina, que os acervos das bibliotecas da universidade e do IPPUC naquele momento atestam a circulação global de ideias de arquitetura e urbanismo (VIANNA, 2017; MEDEIROS, 2021).

Muitos dos professores da Universidade Federal, incluindo alguns ex-alunos, atuaram no IPPUC e em escritórios privados.³ Em trabalho colaborativo e em equipes com formações diversas, estes profissionais – conhecidos como Grupo do Paraná – participaram de inúmeros concursos de arquitetura, obtendo destaque internacional. Foram aproximadamente quarenta projetos classificados em concursos nacionais nos anos 1970; entre o final dos anos 1950 e meados de 1970 foram mais de oitenta premiações concedidas às equipes paranaenses. Somam-se aproximadamente dezessete primeiros prêmios nas décadas de 1960 e 1970 (GNOATO, 2002; PACHECO, 2004; PACHECO, 2010; JANUÁRIO, 2018).

Lerner é certamente o nome mais conhecido deste grupo de arquitetos. De fato, ele tem um papel preponderante na história das transformações curitibanas da segunda metade do século passado – não apenas como político, mas também na academia, no instituto de planejamento e na prática profissional privada, como articulador dos colegas. Recém-graduado em engenharia civil em 1961, Lerner trabalhou no escritório paulistano do arquiteto conterrâneo David Libeskind, que acabara de concluir a obra do Conjunto Nacional, na Avenida Paulista. Naquele ano, os projetos de Lerner para a Casa do Estudante Secundário e para uma Residência no Alto de Pinheiros foram publicados pela revista ACRÓPOLE (1961). No ano seguinte, Lerner trabalhou no escritório parisiense do trio Georges Candilis, Alexis Josic e Shadrach Woods. Candilis e Woods integravam o

² Dentre os docentes pioneiros do curso de arquitetura e urbanismo da UFPR, Marcos Prado e Armando Strambi graduaram-se em Minas Gerais, e Gustavo Gama Monteiro e Cyro Corrêa Lira, no Rio de Janeiro; Léo Grossman se formou no Rio Grande do Sul. Dentre os egressos das primeiras turmas deste curso que entraram para o quadro docente da instituição estão: Alfredo Jacobowisc, Jaime Wassermann, Lineu Borges de Macedo, Onaldo Oliveira, Alfred Willer, Henrique Panek, Lubomir Ficinski Dunin, Jaime Lerner, Domingos Bongestabs, Manoel Coelho, Abrão Assad, José Sanchotene e Leonardo Oba.

³ Dentre estes profissionais estão Luiz Forte Netto, José Maria Gandolfi, Roberto Luiz Gandolfi, Lubomir Ficinski, Domingos Bongestabs, Marcos Prado, Vicente de Castro Neto, Alfred Willer, Abrão Assad, José Hermeto Palma Sanchotene, Oscar Mueller, Joel Ramalho Junior, Leonardo Oba, Guilherme Zamoner, Rubens Sanchotene, Ariel Stelle, Aldo Matsuda, Renato Mueller, Orlando e Dilva Busarello, e Jaime Lerner.

Team 10, o grupo que instigou mudanças nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs) com a revisão crítica dos seus princípios. Grosso modo, o Team 10 buscava conceitos e estratégias projetuais que expressassem a identidade social, o que tornaria os lugares capazes de serem apropriados por seus residentes e usuários (ver <http://www.team10online.org/team10/introduction.html>; REGO; JANUÁRIO; AVANCI, 2020).

De volta a Curitiba, Lerner estabeleceu seu escritório de arquitetura em sociedade com o arquiteto Domingos Bongestabs em 1963, graduou-se em arquitetura e urbanismo em 1964 e no ano seguinte tornou-se professor do mesmo curso. Em 1968, Lerner e os colegas Lubomir Ficinski, Luiz Forte Netto, Marcos Prado e Roberto Gandolfi ministraram aulas na UnB, em substituição aos professores afastados, depois que o campus na capital federal fora invadido por policiais e militares.⁴ Neste ano, Lerner ganhou o concurso para o projeto da Sede da Polícia Federal em Brasília, em coautoria com Bongestabs e Marcos Prado. Participou também da equipe que trabalhou com Wilhelm na elaboração do Plano Preliminar de Urbanismo em 1965 e chegou a exercer a presidência do IPPUC entre 1968 e 1969. Em 1969, Lerner e a equipe formada junto com José Maria Gandolfi, Roberto Gandolfi, Forte Netto e Ficinski desenvolveram o projeto do Eurokursaal na cidade de San Sebastián, Espanha, depois de terem sido premiados no concurso internacional realizado para este fim. Tornou-se presidente do IAB em 1970 e foi nomeado prefeito da capital paranaense em duas ocasiões: em 1971, depois de filiar-se à ARENA, e em 1979; e foi eleito para o cargo em 1989.

O que trato de apontar nesta trajetória são as “histórias conectadas” formando uma rede de colaboração e conexões que perpassam serviço público, docência, iniciativa privada e entidade de classe. Pode-se notar aí a circulação de ideias e a interação de atores de diferentes situações geográficas e culturais, em experiências de trabalho, em concursos internacionais, em reuniões técnicas.

Em um intercâmbio multidirecional de conhecimento, essas relações remetem ao que Avermaete e Nuijsink chamaram de zonas de contato arquitetônicas: encontros de diferentes culturas arquitetônicas, frequentemente em situações de relações de poder assimétricas, nas quais ideias, abordagens e ferramentas são negociadas, seletivamente emprestadas, parcialmente adaptadas ou rejeitadas. Este conceito (decolonial) permite “iluminar os processos complexos de troca de conhecimento que estão no coração do caráter multiautoral da arquitetura” e do urbanismo, extrapolando a questão da ‘influência’ entre diferentes arquitetos, do ‘ensinamento’ entre mestres e pupilos, e da ‘importação’ e ‘exportação’ de ideias. Este conceito dá uma noção do desenvolvimento arquitetônico que é baseada na troca multidirecional e global do conhecimento e reconfigura a história da arquitetura – neste caso, a história da arquitetura e do urbanismo em Curitiba – como conteúdo intercultural, multiautoral e policonceitual (AVERMAETE; NUIJSINK, 2021 p. 3 e 9; FERNANDES, 2021).

⁴ Lerner não menciona a invasão do campus da UnB; de acordo com ele, os alunos entraram em greve e os próprios alunos expulsaram os professores. Cf. BERRIEL e SUZUKI, 2012 p. 114.

ARQUITETURA E URBANISMO EM TEMPOS DE DITADURA

Brasília foi inaugurada em 1961, no começo da 'década do desenvolvimento', como declarou as Nações Unidas (LIERNUR, 2015 p. 71). A transformação do ambiente físico como manifestação de desenvolvimento, então materializada na nova capital federal, foi retomada no regime militar (1964-1985). E, para construir um 'Brasil Grande', o governo da ditadura estimulou o crescimento econômico e o desenvolvimento regional, e implementou grandes obras de infraestrutura, que em certa medida fizeram reviver a euforia dos tempos de Brasília. Os anos 1970 são lembrados como o tempo do 'milagre econômico', quando o PIB saltou de 9.8% em 1960 para 14% em 1973 e a população urbana ultrapassou a população rural (embora isso tenha implicado em concentração de renda, inflação, contas públicas desequilibradas e desigualdade social. ALMANDOZ, 2015 p. 115; DEL PRIORE; VENANCIO, 2010 p. 284).



Figura 1. Monumento moderno à Transamazônica, em Altamira, c.1970. Fonte: IBGE.

Através do INCRA, em 1972 o governo federal pôs em marcha um projeto de colonização ao longo da recém-criada rodovia Transamazônica (Figuras 1 e 2). Foram planejadas dezenas de novas cidades traçadas a partir do urbanismo funcionalista, impositivo, inflexível e ignorante às questões locais, configurando uma vida urbana radicalmente diferente, tão idealizada quanto utópica (REGO, 2015). As cidades satélites em construção no Distrito Federal também reproduziam o esquema geométrico e padronizado da unidade de vizinhança disseminada pelos CIAMs (Figura 3). Acreditava-se que a transformação do meio físico levaria a uma nova ordem social, tendo a arquitetura e o urbanismo modernos como seus símbolos mais emblemáticos (HOLSTON, 1989; GORELIK, 2005).

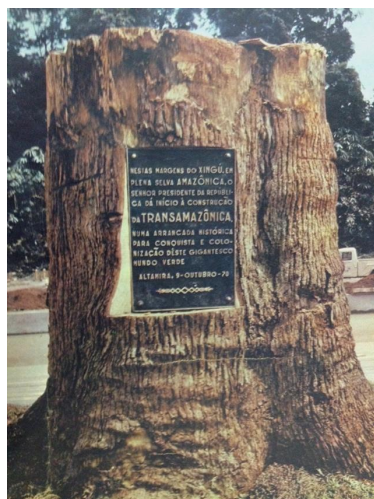


Figura 2. Placa comemorativa instalada em um tronco no monumento à Transamazônica. Nela lê-se: "Nestas margens do Xingú, em plena selva amazônica, o senhor Presidente da República dá início à construção da Transamazônica, numa arrancada histórica para conquista e colonização deste gigantesco mundo verde. Altamira, 9-OUTUBRO-70". Fonte: IBGE.



Figura 3. Imagem de cidade satélite no Distrito Federal. Fonte: IBGE, s.d.

A técnica do concreto armado e a expressividade plástica da escola brutalista paulista marcaram a arquitetura brasileira deste período. Assim como o pavilhão brasileiro desenhado por Lucio Costa e Oscar Niemeyer para a feira mundial de Nova York em 1939, o edifício projetado por Paulo Mendes da Rocha e equipe para a feira internacional de

Osaka em 1970 exprimia a estética contemporânea vigente – mas não mais que o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo.

Porém esta arquitetura,

“caracterizada pelo uso extensivo do concreto armado deixado aparente, pela exploração plástica do desenho estrutural e por uma paleta reduzida de materiais, começou a ser criticada por sua improbidade econômica, sua inadequação climática – em razão da baixa inércia térmica do concreto-, suas linhas abstratas de pouco significado para a maioria da população brasileira, sua fidelidade à ideia de cidade funcional” (BASTOS; ZEIN, 2010 p. 205).

Em contrapartida, a arquitetura (premiada) coproduzida pelos referidos arquitetos curitibanos se mostrou híbrida, já que sua composição era menos restritiva, menos uniforme, e menos dogmática do que a arquitetura brutalista paulista. Distantes da crítica social e do ambiente metropolitano que marcaram a escola brutalista paulista, o grupo de arquitetos de Curitiba não expressava vinculação ideológica categórica – apesar do papel político de Lerner. Sua postura pragmática e seu ‘compromisso com a realidade’ podem ser notados na tomada de decisões em cada projeto, de modo a adotar estratégias específicas e variadas (REGO; JANUÁRIO, 2022; REGO; JANUÁRIO, 2019).⁵

É certo que os fundamentos da arquitetura e do urbanismo modernos estavam sob revisão crítica desde o pós-guerra, em tentativas heterogêneas de se libertar das amarras funcionalistas. Recusava-se a uniformidade, a generalidade, a estandardização, a calculada simplicidade, a redução da vida a um denominador comum, enquanto se buscava a ‘cor local’, a individualidade, a identidade, a imaginação que distinguia a vida das pessoas e sua condição sociocultural.

A reação ao racionalismo moderno enfatizava a imagem expressiva das edificações e o modo com que elas se comunicam com as pessoas nas ruas para proporcionar um sentido de pertencimento e de identidade (ELLIN, 1996; GIAMARELOS, 2022). Esta reação ia desde o historicismo acadêmico, passando pela interpretação paródica do passado, até a inspiração encontrada no sítio, no contexto social e na cultura de massa.

Pois a falta de legibilidade das paisagens urbanas erigidas na Europa do pós-guerra incitou o desejo pelo familiar e por se projetar ‘contextualmente’. Muitas vezes, isso significou projetar ‘com o vernacular’, o que, nos Estados Unidos, estava associado a edificações ordinárias. Mesmo o Team 10, descontente com o CIAM, se referenciou no passado e no vernacular, ainda que suas referências fossem traduzidas em termos modernos para evitar a imitação direta e o pastiche (ELLIN, 1996 p. 275). Colocado de outro modo, o Team 10 tratou de contextualizar a arquitetura moderna, como se pode perceber no seu projeto no Marrocos, com a conformação da morada atenta aos hábitos singulares de europeus, muçulmanos e judeus (JOEDICKE, 1968).

No conjunto, o pós-modernismo reuniu expressões do pensamento e intenções projetuais que se ‘despediam da modernidade’, na medida em que fugiam das suas lógicas de desenvolvimento, colocando-se “não apenas como novidade em relação ao moderno mas

⁵ TAFURI (1976 p. IX) tratou da arquitetura do começo dos anos 1970 como “forma sem utopia”.

também como dissolução da categoria do novo” (VATTIMO, 1996 p. VII e IX). Estas expressões se manifestaram, como bem notou Ellin (1996 p. 04), por meio de um “re-tudo”: reabilitar, revitalizar, restaurar, renovar, reciclar, etc.

O urbanismo e a arquitetura que apareceram em Curitiba entre o final dos anos 1960 e início da década de 1970 estão imbuídos destas atitudes. Isso veremos a seguir, com a análise de estudos de caso exemplares: a Praça 29 de Março (1966), o esquema do ônibus Ligeirinho (1969), o parque São Lourenço (1971), o Teatro Paiol (1971) e a Rua XV de Novembro (1972).

PROJETOS, DESENHO URBANO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL EM CURITIBA

Os projetos então implementados em Curitiba revelam uma visão estratégica de crescimento, planejamento ambiental, valorização da memória e da identidade, compromisso com os recursos públicos. Esses projetos, desenhados para a cidade real, com seus problemas e potenciais, envolveram transporte público, preservação histórica e cultural, revitalização e pedestrianização do centro da cidade, e criação de espaços livres, e se mostraram atraentes, inovadores, baratos (IARAZÁBAL, 2009).



Figura 4. Parque São Lourenço, 2021. Fonte: o autor.

Depois de analisar diferentes tecnologias e sistemas de transporte público de massa em mais de trinta cidades ao redor do mundo, o IPPUC propôs em 1969 um sistema de ‘metrô a céu aberto’ para Curitiba, ciente de que as condições físicas, econômicas e sociais da

cidade não eram compatíveis com um sistema de transporte subterrâneo. Deixando de lado o custoso metrô, o Instituto desenvolveu um sistema de transporte em ônibus que integrava a estrutura urbana de eixos lineares implementada pelo Plano Urbanístico de 1966. Era um protótipo do futuro BRT (Bus Rapid Transport), associando o sistema rodoviário às vantagens operacionais do metrô (VIANNA, 2017 p. 447-449).

O IPPUC implementou também uma abordagem de planejamento ambiental, divergindo da prática dominante de solucionar a drenagem urbana isoladamente. Uma visão integrada e global dos problemas ambientais levou ao projeto de um sistema de parques multifuncionais que trataria conjuntamente das cheias dos rios urbanos e da criação de áreas de lazer. No começo dos anos 1970, quatro parques urbanos foram criados: Barigui, Barreirinha, São Lourenço e Iguaçu. Nestes parques alagáveis, pequenas barragens foram construídas para acomodar as enchentes sazonais. No parque São Lourenço, um velho edifício industrial foi transformado em centro cultural (Figura 4).



Figura 5. Teatro Paiol. Fonte: Wikicommons, s.d.

Em 1971, um depósito de pólvora, construído pelo exército no final do século XIX e desativado no início do século XX, foi transformado em teatro, aproveitando sua planta circular (Figura 5). Desse modo, o IPPUC trabalhou para revitalizar o passado, ativando a memória local e valorizando o patrimônio cultural. Curitiba possuía então poucos edifícios relevantes em termos arquitetônicos e históricos, e se notava uma necessidade de símbolos urbanos afirmativos na cidade. O IPPUC se dedicou à preservação de Curitiba e ao fortalecimento da sua identidade, estabelecendo um plano de preservação de sítios

históricos, criando instalações culturais e reabilitando edifícios antigos. O plano de preservação proposto pelo IPPUC em 1970 e implementado na administração Lerner (1971-1974) reconheceu e delimitou o centro histórico da cidade como patrimônio cultural, destacando seus edifícios coloniais, ecléticos e *art déco*, ressoando a Carta de Veneza publicada em 1964.

A questão do 'Coração da cidade' havia sido discutida no VIII CIAM, em 1951, quando Candilis foi eleito membro do conselho. Embora as opiniões então não fossem convergentes, o evento, segundo Mumford (2000 p. 215), tornou-se um ponto de referência para novas formas do espaço público, incluindo a revitalização de centros urbanos, que vieram a caracterizar o urbanismo nos anos 1950 e depois – fazendo portanto uma revisão de certos preceitos do urbanismo funcionalista. Esta revisão já despontara em evento anterior, no CIAM VI, quando se tratou de "transcender a esterilidade abstrata da 'cidade funcional', afirmando que 'o objetivo dos CIAM consiste em trabalhar para a criação de um entorno físico que satisfaça as necessidades emocionais e materiais do homem'" (Frampton, 1994 p. 275). Mas, como nota Frampton (1994 p. 275) a insatisfação com 'o funcionalismo modificado da velha guarda', levou membros do grupo que viria a ser conhecido como Team 10 a afirmar, após o CIAM IX, em 1953, que "o homem pode identificar-se facilmente com seu próprio lar, mas também com o povoado onde ele se encontra. 'Pertencer' é uma necessidade básica emocional e suas associações são da ordem mais simples. De 'pertencer' – identidade – provém o sentido enriquecedor de vizinhança. A rua curta e estreita do bairro pobre triunfa onde uma redistribuição espaçosa fracassa".



Figura 6. Mural na Praça 29 de Março, 2021. Fonte: o autor.

Estas questões de identidade e pertencimento são centrais no desenho urbano curitibano. A construção da Praça 29 de Março, em 1966, celebrou a fundação de Curitiba e seu desenho se assenta sobre o sentido de pertencimento. Lerner, Bongestabs e Onaldo Pinto de Oliveira são coautores deste projeto que conta como o trabalho do artista plástico Potty Lazzaroto. O desnível do terreno da praça foi trabalhado de modo a abrir uma esplanada com um espelho d'água no nível inferior, abastecido por uma cascata no nível superior. O desnível foi resolvido com um muro de concreto aparente com relevos figurativos criados por Potty. O mural *mass-media* conta a história da cidade com palavras, frases e imagens (Figuras 6 e 7). Ali estão registrados o encontro entre indígenas e colonizadores, os fundadores da vila, a chegada dos imigrantes, os ciclos econômicos e seus produtos, o progresso urbano e suas máquinas, a construção da catedral, a vida urbana contemporânea. O pinheiro Araucária e suas sementes também estão presentes como símbolos regionais.



Figura 7. Arrimo com relevos na Praça 29 de Março, 2021. Fonte: o autor.

Embora relevo artístico e texturas no concreto aparente tenham aparecido, respectivamente, na obra de Le Corbusier e de Paul Rudolph, e murais figurativos e abstratos tenham estampado a arquitetura brasileira, o caráter simbólico do mural de Potty é digno de nota. A imagem comumente difundida da obra de Potty retrata a paisagem urbana de Curitiba e valoriza aspectos locais e símbolos culturais e, depois deste mural,

Poty passou a ser recorrentemente indicado por arquitetos para incluir em seus projetos arquitetônicos painéis e vitrais com motivos paranaenses.

Estes motivos figurativos, assim como motivos geométricos, tatuaram diversas empenas de concreto aparente em edifícios curitibanos. Eram uma concessão ao ornamento banido pela arquitetura moderna (REGO E JANUÁRIO, 2022; SANTOS, 2011). DUDEQUE (2001 p. 241) percebeu que, desde o final dos anos 1950 esquemas e composições derivados do pinheiro eram um motivo artístico relativamente banal em Curitiba, emplastrados em vários locais como um atestado de reverência às grandezas do Paraná.



Figura 8. Rua XV de Novembro ou Rua das Flores, s.d. Fonte: Wikicommons.

É que a celebração da emancipação do Paraná e as comemorações dos 250 anos da fundação de Curitiba fizeram ressurgir o Paranismo. O Paranismo foi um movimento cultural dos anos 1920 que pretendia dignificar o Paraná perante os demais estados da federação através da valorização de sua flora e fauna e da reelaboração de lendas indígenas. Na segunda metade do século XX, essa exaltação reapareceu na valorização das identidades dos vários grupos imigrantes estabelecidos em Curitiba – alemães, poloneses, ucranianos, italianos – e suas tradições, assim como das lendas indígenas e das referências à paisagem natural da capital, à araucária – sua espécie mais

característica, e à erva mate – produto que marcou a economia urbana local no século XIX (Figura 8).

No seu livro *Acupuntura Urbana*, Lerner (2205 p. 13) reforçou a necessidade de “manutenção ou o resgate da identidade cultural de um local ou de uma comunidade”. De acordo com ele,

“a identidade é um dos componentes mais importantes da qualidade de vida. Mais do que boa infraestrutura, bons equipamentos, é muito importante a pessoa se sentir parte, fazer parte, eu acho que isso é um componente fundamental da identidade curitibana, da identidade de qualquer pessoa numa cidade” (Lerner apud FARIA JUNIOR, 2016 p. 137).

A ideia de pedestrianizar ruas centrais de Curitiba havia sido lançada pela equipe de Wilhelm no Plano Preliminar de Urbanismo e foi implementada pelo prefeito Lerner (Figura 8). A valorização da rua tradicional como expressão da vida urbana, notada na prática e no discurso críticos do urbanismo moderno, fomentou a discussão da pedestrianização e da valorização de áreas centrais da cidade entre os arquitetos do IPPUC desde meados dos anos 1960 (REGO; JANUÁRIO, 2022 p. 208). O começo da revitalização da rua, já liberada do tráfego de automóveis, coincidiu com o encontro da UIA na cidade em 1972. Delegados internacionais elogiaram a iniciativa, relembrando exemplos europeus bem-sucedidos. Jornais locais se referiram ao lugar como um misto de praça e rua, jardim e avenida (DUDEQUE, 2010 p. 203-232). Retomando a tradição colonial portuguesa, as ruas de pedestres de Curitiba foram pavimentadas com mosaicos de pedras, e lá aparece novamente, estilizado, o pinhão da Araucária como ornamento simbólico.

O interesse de Lerner pela rua tradicional parece ter emergido na Europa, quando, diz ele, “trabalhei no projeto de Toulouse [no escritório de Candilis, Josic e Woods] e comecei cada vez mais me apaixonar pela rua, não a rua nova, mas as ruas que eu estava vendo, estava sentindo que começavam a desaparecer do país, de todos os países” (BERRIEL; SUZUKI, 2012 p. 111).

CONCLUSÕES

Os arquitetos curitibanos admiravam os mestres modernos; não romperam efetivamente com a arquitetura que herdaram deles. Do mesmo modo, não se posicionaram frontalmente contra a ditadura militar. Diante de um posicionamento ideológico, se voltaram para a cidade real e suas questões prementes; diante de uma expressão arquitetônica cristalizada – o brutalismo paulista, se voltaram para o desafio da criatividade. Recolheram e retomaram valores e práticas descartados pela modernidade utópica.

As propostas de desenho urbano, arquitetura e planejamento em Curitiba nos anos 1970 revelam ideias e temas então debatidos pelos profissionais locais, como a abordagem ecológica, a história urbana e da cidade e as políticas identitárias. Os projetos curitibanos não deixam de refletir a virada pós-moderna rumo a questões socioculturais e ambientais. Como outras formas de expressão pós-moderna, os projetos urbanos de Curitiba se inspiraram no lugar, no contexto social e na cultura de massa. Diferentemente dos

projetistas da jovem Brasília, ele se fixaram na ideia de projetar contextualmente e 'no vernacular'. Símbolos regionais, materiais tradicionais e uma admiração pelo passado contribuíram para um valioso senso de lugar.

Estes projetos descartaram princípios racionalistas e demonstraram interesse por temas como preservação, renovação e reciclagem. Desviando de modelos urbanísticos preconcebidos ou estilo arquitetônico específico, demonstraram uma nova abordagem ao espaço público, envolvendo o apreço pela comunidade. Estes temas seriam mais tarde reivindicados no Seminário de Desenho Urbano, embora nenhum arquiteto do IPPUC ou de Curitiba tenha participado do evento. Lerner seguiu recomendando intervenções em pequena escala na forma urbana, em contraste com a macro análise e o planejamento tecnocrático predominante no Brasil dos anos 1970, e enfatizando a arquitetura de cada cidade. Para ele, toda cidade deveria ter um sonho.

REFERÊNCIAS

- ACRÓPOLE. N. 281, pp. 162-165, 1961.
- ALMANDOZ, Arturo. Modernization, urbanization and development in Latin America, 1900s-2000s. Londres: Routledge, 2015.
- AVERMAETE, Tom; NUIJSINK, Catherine. "Architectural contact zones: another way to write global histories of the post-war period?". *Architectural Theory Review*. Vol. 25, N.3, pp. 350-361, 2021. <https://doi.org/10.1080/13264826.2021.1939745>.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. Brasil: arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BERRIEL, Andréia; SUZUKI, Juliana H. (org.). Memória do arquiteto: pioneiros da arquitetura e do urbanismo no Paraná. Curitiba: Editora UFPR, 2012.
- CANCIAN, Nadir A. Cafeicultura paranaense – 1990/1970. Curitiba: Grafipar, 1981.
- DEL PRIORE, M.; VENANCIO, R. Uma breve história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2010.
- DUDEQUE, Irã Taborda. Espirais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba. São Paulo: Studio Nobel, 2001.
- DUDEQUE, Irã Taborda. Nenhum dia sem uma linha. São Paulo: Studio Nobel, 2010.
- DUDEQUE, Irã Taborda. "Um urbanista nos tempos do tifo: Saturnino de Brito em Curitiba". Anais do IX SHCU. São Paulo: USP, 2006.
- ELLIN, Nan. Postmodern urbanism. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1996.
- FARIA JUNIOR, Waldir José Braga. Poty Lazzarotto: contextos, sociabilidade e produção artística. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.
- FERNANDES, Ana. "Autorismo e prosopografia em urbanismo. Reflexões e empirias". In: CHIQUITO, E. A.; VELLOSO, R.; FARIA, R. (orgs.). Urbanismo e planejamento no Brasil. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2021. pp. 115-138.
- FRAMPTON, Kenneth. Historia crítica de la arquitectura moderna. Barcelona: GG, 1994.
- GIAMARELOS, Stylianos. Resisting postmodern architecture: critical regionalism before globalisation. Londres: UCL Press, 2022.
- GNOATO, Luis Salvador Petrucci. Arquitetura de Curitiba, transformações do movimento moderno. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.
- GORELIK, Adrián. Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- HOLANDA, Frederico; KOHLSDORF, Maria Elaine (eds.). Seminário sobre desenho urbano no Brasil. Anais do 4 SEDUR. Brasília: UnB, 1995.
- HOLSTON, John. The modernist city: an anthropological critique of Brasilia. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- IRAZÁBAL, Clara. Urban design, planning, and the politics of development in Curitiba. In: DEL RIO, V.; SIEMBIEDA, W. (eds.). Contemporary urbanism in Brazil: beyond Brasília. Gainesville: University Press of Florida, 2009. pp. 202-223.
- JANUÁRIO, Isabella Caroline. A arquitetura de Joel Ramalho Junior, Leonardo Oba e Guilherme Zamoner nos anos de 1970: concursos nacionais, respostas curitibanas. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2018.
- JANUÁRIO, Isabella Carolina; REGO, Renato Leão "Os projetos premiados de Ramalho, Oba e Zamoner e a atualização da arquitetura brasileira nos anos 1970". *Projetar*. Vol. 4, N. 3, pp. 08-20, 2019.
- JOEDICKE, Jürgen. Candilis-Josic-Woods: una década de arquitectura y urbanismo. Barcelona: GG, 1968.
- JAZAR, Manoela M.; ULTRAMARI, Clóvis. "Curitiba anos 1950-1960: representação literária e apropriações da gestão pública". Anais do XVI SHCU. Salvador: UFBA, 2021.
- KOENTOPP, Gabriela; JABUR, Rodrigo Sartori. "Encontros de arte moderna de Curitiba: a dimensão urbana do 6º EAM (1974)". Anais do XVI SHCU. Salvador: UFBA, 2021.
- LEME, Maria Cristina da Silva; REGO, Renato Leão; PESCATORI, Carolina; ROLDÁN, Dinalva. Urban design and favelas in Brazil: the emergence of the field and new approaches to a

- persistent issue. Trabalho apresentado na conferência Histories of Urban Design. Zurique: ETH Zurich, 2021. <https://urbandesignconference.org>.
- LERNER, Jaime. *Acupuntura Urbana*. Rio de Janeiro: Record, 2005. [1 ed. 2003].
- LERNER, Jaime. *O que é ser urbanista (ou arquiteto de cidades): memórias profissionais de Jaime Lerner*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- LIERNUR, Jorge Francisco. "Architectures for progress: Latin America, 1955-1980". In: BERGDOLL, B.; COMAS, C. E. D.; LIERNUR, J. F.; REAL, P. *Latin America in construction: architecture 1955-1980*. Nova York: MoMA, 2015. pp. 68-89.
- MACEDO, Joseli. "Curitiba". *Cities*. Vol. 21, N. 6, pp. 537-549, 2004. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2004.08.008>.
- MACEDO, Joseli. "Planning a sustainable city: the making of Curitiba, Brazil". *Journal of Planning History*. Vol. 12, N. 4, pp. 334-353, 2013. <https://doi.org/10.1177/1538513213482093>.
- MEDEIROS, Gisele. R. *Idealizações de cidades e circulação de ideais: o ambiente local e o internacional*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica. Curitiba, 2021.
- MUNFORD, Eric. *The CIAM discourse on urbanismo, 1928-1960*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000.
- NICOLAZZI JUNIOR, Norton F. "O Almotacé: administração e ordem urbana na Curitiba setecentista". *Anais do VI SHCU*. Natal: UFRN, 2000.
- OLIVEIRA, Miguel Arturo. C. "Extrativismo e modernidade na dinâmica socioeconômica da região metropolitana de Curitiba". *Anais do IV SHCU*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- PACHECO, Paulo C. *A arquitetura do Grupo Paraná*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- PACHECO, Paulo C. *O risco do Paraná e os concursos nacionais de arquitetura 1962-1981*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.
- PEREIRA, Luis Fernando Lopes. "Do Largo da Ordem ao Passeio Público – a urbanização de Curitiba". *Anais do VI SHCU*. Natal: UFRN, 2000.
- PESSATTI, Jéssica T. K.; MAZIVIERO, Maria Carolina. "Dimensões espaciais das relações raciais: o caso de terreiro umbandista no bairro Abranches, em Curitiba". *Anais do XVI SHCU*. Salvador: UFBA, 2021.
- REGO, Renato Leão. "Importing planning ideas, mirroring progress: the hinterland and the metropolis in mid-twentieth-century Brazil". *Planning Perspectives*. Vol. 27, N. 4, pp. 625-634, 2012. <https://doi.org/10.1080/02665433.2012.709696>.
- REGO, Renato Leão. "A integração cidade-campo como esquema de colonização e criação de cidades novas: do norte paranaense à Amazônia Legal". *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. Vol. 17, N. 1, pp. 89-103, 2015.
- REGO, Renato Leão. *Ideias para novas cidades: arquitetura e urbanismo no interior do Brasil do século XX*. Londrina: Kan, 2019.
- REGO, Renato Leão; JANUÁRIO, Isabella Caroline (orgs.). *Arquitetura paranaense na segunda metade do século XX*. Londrina: Kan, 2022.
- REGO, Renato Leão; JANUÁRIO, Isabella Caroline; AVANCI, Renan Augusto. "Lerner, Friedman, and Candilis-Josic-Woods: transatlantic ideas and design affinities". *Cadernos ProArq*. Vol. 35, pp. 28-45, 2020. <https://doi.org/10.37180/2675-0392-n35-3>.
- SANTOS, Michelle S. *A arquitetura do escritório Forte Gandolfi 1962-1973*. Dissertação de mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2011.
- SANTOS, Michelle S.; ZEIN, Ruth Verde. "A moderna Curitiba dos anos 1960: jovens arquitetos, concurseiros, planejadores". *Anais do 8º Seminário DCOMOMO Brasil*. Rio de

- Janeiro: Palácio Capanema, 2009. <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/020-1.pdf>.
- SEGAWA, Hugo. "Outro programa de passeio, agora em Curitiba". Projeto. N. 89, pp. 31-32, 1986.
- SUBRAHMANYAM, S. "Connected histories: notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia". Modern Asian Studies. Vol. 31, N. 3, pp. 735-762, 1997. <http://www.jstor.org/stable/312798>.
- TAFURI, Manfredo. Architecture and utopia, design and capitalist development. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1976. [1 ed. 1973].
- TURKIENICZ, Benamy. (org.). Desenho Urbano I. I Seminário sobre desenho urbano no Brasil. Cadernos Brasileiros de Arquitetura, 12. São Paulo: Projeto, 1984a.
- TURKIENICZ, Benamy. (org.). Desenho Urbano II. I Seminário sobre desenho urbano no Brasil. Cadernos Brasileiros de Arquitetura, 13. São Paulo: Projeto, 1984b.
- TURKIENICZ, Benamy; MALTA, Maurício (eds.). Desenho Urbano II. Anais do II SEDUR. São Paulo: Pini, 1986.
- VATTIMO, Gianni. O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VIANNA, Fabiano Borba. O plano de Curitiba 1965-1975. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.
- VIANNA, Fabiano Borba. "Revisitando Toulouse Le Mirail: da utopia do presente ao futuro do pretérito". Pós. Vol. 25, N. 47, pp. 34-50, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v25i47p34-50>.
- WARD, Stephen V. "Cities as planning models". Planning Perspectives. Vol. 28, N. 2, pp. 295-313, 2013. <https://doi.org/10.1080/02665433.2013.774572>.
- ZEIN, Ruth Verde. "Arquitetos no Paraná, algumas diferenças nas mesmas histórias". Projeto. N. 89, pp. 28-30, 1986.